

METÁFORAS DE HIV/AIDS: O CORPO UTÓPICO NOS DIZERES

Renan Kenji Sales Hayashi¹

Mestre, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, Brasil

RESUMO: O presente artigo descreve resultados de análise de uma investigação sobre HIV/AIDS e suas metáforas no Brasil. Em um estudo que se pretende diacrônico, empreendemos um recorte histórico-social que principiou na década de 1980 – tido como o auge das infecções pelo vírus HIV no mundo – e se finda na década de 2010. Considera-se essa temática altamente relevante, pois possibilita gestos de interpretação que mobilizam campos que extrapolam as ciências médicas e biológicas, viabilizando uma articulação com propostas dos campos da filosofia, do discurso e da linguagem, sendo este o viés de maior relevo neste trabalho. Interessa-nos particularmente como é possível rastrear na linguagem efeitos de sentido que apontem para o uso de metáforas que busquem representar HIV/AIDS em relevo com as práticas sexuais consideradas desviantes. Para condução da presente investigação, lançamos mão de revisão bibliográfica e análise discursiva da materialidade linguística como escolha metodológica. Destarte, tendo o material discursivo como ponto de partida, foi-nos possível trazer à baila efeitos de sentido que emergem dos textos – sejam imagéticos ou orais – e que apontam para interpretações que encadeiam de maneira complexa as noções de corporeidades, sexualidades, confissões e a produção de verdades sobre si. Resultados preliminares indicam que, dada a especificidade da temática, bem como o alcance social que as discussões sobre HIV tiveram no Brasil, as metáforas passam a funcionar a partir da subversão de algumas representações sobre sexualidade, corpo e vivências.

PALAVRAS-CHAVE: HIV. AIDS. Sexualidade.

ABSTRACT: This article describes the results of an analysis of HIV / AIDS research and its metaphors in Brazil. In a study that is intended to be diachronic, we carried out a social-historical study that began in the 1980s – considered as the peak of HIV infections worldwide - and was completed in the decade of 2010. This topic is considered highly relevant because allows interpretation that mobilize fields that extrapolate the medical and biological sciences, making possible an articulation with proposals from the fields of philosophy, discourse and language, this former one being the most important bias in this work. We are particularly interested in how it is possible to trace in the language meaning making effects that point to the use of metaphors that seek to represent HIV / AIDS in contrast to sexual practices considered deviant. In order to conduct the present research, we have used bibliographical review and discursive analysis of linguistic materiality as a methodological choice. With discursive material as a starting point, we were able to bring to light effects of meaning that emerge from texts - whether imaginary or oral - and which point to interpretations that join the notions of corporeality, sexualities, confessions and the production of truth of self in a very complex way. Preliminary results indicate that, given the specificity of the topic, as well as the social impact

Bolsista de pesquisa de Doutorado pela CAPES (nº 1783898).

that the discussions about HIV had in Brazil, metaphors begin to function through subversion of some representations about sexuality, body and experiences.

KEYWORDS: HIV. AIDS. Sexuality.

INTRODUÇÃO

Por que eu? Essa é uma das perguntas que muitas pessoas que se descobrem com o HIV fazem. Frequentemente, a descoberta da infecção com o vírus HIV acarreta ao soropositivo uma série de dissabores, muitos dos quais, ancoram-se em um imaginário social sobre a doença que assevera uma sentença de morte inescapável ante a constatação da presença de anticorpos contra o HIV no sangue. Esse imaginário social, como poderá ser visto no presente artigo, de alguma forma, esmaece as fronteiras existentes entre o HIV e a AIDS, sentenciando o soropositivo ao inelutável definhamento do corpo e perda da condição humana. Com efeito, ser soropositivo implicaria em uma morte degradante.

Contudo, se se trata, como é dito, de um vírus que não escolhe etnia ou orientação sexual, o que há socialmente construído ao redor dele [o vírus] que não permite que as pessoas se perguntem: *Por que não eu?* Um dos fatores que nos move a investigar esse imaginário social reside em estatísticas bastante expressivas. Em um mundo no qual 36,9 milhões de pessoas vivem com o HIV e estima-se que outras 1,8 milhão² serão infectadas, parece-nos razoável problematizar todo esse alcance que o vírus tem tido nas últimas décadas, em especial a partir dos anos de 1980, auge das infecções no Brasil e no mundo. Para além do evidente problema de saúde pública, interessa-nos saber de que a maneira a linguagem contribuiu – e ainda contribui – para produzir e sustentar determinados tipos de representações sobre HIV/AIDS que impliquem em efeitos de sentidos que associem estes à morte e à desumanização.

Nossa investigação pauta-se, mais notadamente, no trabalho de Sontag (1989), a qual assevera que HIV/AIDS, ao longo do surgimento e de seu processo de disseminação no mundo, sempre esteve permeado por metáforas que criam espectros sobre a sorologia e seus portadores, na qual estar contaminado significa[va] estar doente (SONTAG, 1989, p. 39). Nesse sentido, a linguagem adquire relevo singular, uma vez que é por meio dela,

² Dados estatísticos retirados da página eletrônica do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o HIV/AIDS (UNAIDS) referente ao ano de 2017, disponíveis em <<https://unaids.org.br/estatisticas/>>, com data de acesso em julho de 2018.

que muitas dessas metáforas sobre HIV/AIDS são veiculadas e sustentadas. À vista disso, é no trabalho com a linguagem e suas materialidades que poderemos desvelar as relações de significação entre a condição de saúde e práticas sociais de discriminação, violência e expurgo do outro. Contudo, cumpre-nos ressaltar que esse labor com a materialidade linguística não será feito a partir de leituras meramente frasais, ocupando-nos de identificar como as metáforas podem imprimir efeitos de sentido no nível do texto. Interessa-nos como tais metáforas podem funcionar em cadeias de discursos que sustentam e compõem sistematicamente os objetos sobre os quais se fala. Nesse sentido, uma parte da extensa obra de Michel Foucault também será alçada, sobretudo, aquela que se volta para a problematização da produção de discursos como mecanismos de exclusão e interdição, na qual tal produção “[...] é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, [1970] 2014, p. 8-9).

Os discursos, as materialidades e as metáforas sobre HIV/AIDS demandam nosso olhar investigativo, em primeiro lugar, porque imbricam uma série de conhecimentos de variados campos do saber, como o discurso médico-científico, a sexualidade humana, os comportamentos sociais, a alteridade e, mais notadamente para nós, a própria linguagem. Nesse imbricamento, pode-se observar o destaque do discurso sobre a sexualidade e suas práticas, as quais adquirem tamanha relevância que, por meio delas, o sujeito se vê obrigado a produzir incessantemente verdades sobre si: ser soropositivo ou não; ser homossexual ou heterossexual; ser onanista ou celibatário; praticar coito anal ou ser avesso a ele etc. Destarte, a sexualidade é o lugar de veridicção do sujeito, estando este em constante luta com a verdade sobre o sexo (MENDELSON, 2010, p. 143).

De fato, temos observado, mais notadamente a partir dos anos 2000, que nunca se falou tanto sobre sexualidade em relevo com HIV/AIDS por meio dos veículos de grande alcance, tecnologias digitais e mídias sociais. Contudo, apesar desse expressivo movimento de discussão, o que se levanta como hipótese é que o volume de informações que buscam esclarecimento é preterido diante de metáforas que sistematicamente associam a contração do HIV ao fim pesaroso da vida. Além disso, observa-se com frequência o uso de dados relacionados ao HIV/AIDS como forma de condenação de determinadas práticas sexuais consideradas divergentes, ou como uma doença causada

por excessos e perversões sexuais (SONTAG, 1989, p. 32). Esse ponto nos leva ao nosso segundo interesse em pesquisar o assunto. Tenciona-se questionar se algumas das metáforas que se utiliza sobre HIV/AIDS não seriam disfarces para julgar e condenar formas diversas de exercício da sexualidade individual.

Nesse sentido, para investigar tais problemáticas, incidiremos sobre recortes de materialidades linguísticas produzidas ao longo de quatro décadas – 1980/1990/2000/2010 –, definindo como contexto principal, mas não exclusivo, os dizeres sobre HIV/AIDS produzidos e veiculados no Brasil no referido recorte temporal. Objetiva-se levantar nesse *corpus* selecionado subsídios necessários para problematizar as representações metafóricas sobre HIV/AIDS em um recorte analítico que se pretende diacrônico, buscando desvelar efeitos de sentido que apontem para as verdades instituídas em cada momento histórico-social. Nesse sentido, pretendemos compor um breve quadro com as metáforas que cada tempo apresentou/apresenta sobre o ser *soropositivo*.

Para ajudar no direcionamento de nosso olhar analítico, procuraremos responder a duas grandes perguntas de pesquisa, a saber: a) quais são as metáforas que a materialidade linguística deixa ver sobre HIV/AIDS? b) de que maneira as metáforas sobre HIV/AIDS aparecem (ou não) imbricadas com dizeres sobre as práticas sexuais? A busca pelas respostas a essas perguntas ajuda a justificar o percurso que empreendemos nas linhas que se seguem. A presente investigação principia com uma revisão bibliográfica de autores como Foucault (1978; 1980; 2013), Mendelsohn (2010) e Sontag (1989), salientando aspectos teóricos sobre metáforas a respeito de HIV/AIDS, bem como a produção de discursos sobre sexualidade e desejo na contemporaneidade, calcando as discussões em bases filosóficas, sem, contudo, perder a sensibilidade de encontrar na materialidade linguística produzida por um conjunto de indivíduos que vivem com HIV/AIDS a razão para empreender a investigação descrita nas linhas abaixo.

Para a discussão apropriada da materialidade linguística coletada, destinamos uma subseção, a qual apresenta nosso esforço de análise pautada nas referências bibliográficas e nos efeitos de sentido que nosso gesto de interpretação permitiu entrever a partir das leituras dos excertos. Salienta-se, finalmente, a face exploratória e ensaística da presente investigação. O que apresentamos a seguir faz parte de uma pesquisa maior sendo desenvolvida, sendo este texto o gatilho inicial para elaboração e elucidação de pontos a

serem melhores elencados à medida em que forem melhores enunciados, tanto publicamente – em forma de artigo científico – quanto internamente, pois, ao dizer algo ao outro, eu preciso de dizer, antes de mais nada, a mim mesmo.

AIDS E [SU]AS METÁFORAS – SEXUALIDADE, CONFISSÕES E DESEJO

Na abordagem sobre a temática de HIV/AIDS, os escritos mais comuns são aqueles que tocam o assunto pelo viés da medicina, desdobrando-o em diversos ramos, como a microbiologia, genética, passando pela farmacologia, alcançando campos mais diversos como a saúde pública, epidemiologia e a assistência social, só para citar alguns. Dentre as variadas obras a respeito da temática, o livro de Susan Sontag (1989) sobre HIV/AIDS talvez seja um dos que mais chame atenção exatamente por não se voltar para o aspecto técnico do assunto, mas, sobretudo, para o efeito social e cultural que o tema apresentou nas sociedades modernas ocidentais.

Escrito ao final da década de 80, a obra contempla reflexões feitas no que se considera o auge do número de infecções no mundo ocidental. Cumpre ressaltar que tal exercício de reflexão da autora veio no bojo de uma teorização a respeito de uma outra doença também estigmatizada e, por isso, repleta de metáforas: o câncer. Dessa forma, não raro a autora estabelece paralelos nos efeitos de sentido que os diagnósticos de câncer e HIV/AIDS assumiram mais notadamente ao final do século XX. Para alcançar tais efeitos, a autora principia pontuando o que entende por metáfora – definição também adotada na presente investigação. Sontag (1989, p. 9), a partir de uma visada aristotélica, assevera as metáforas como mecanismos que consistem em dar a uma determinada coisa o nome de outra, ou seja, dizer que um determinado ente do mundo parece ou é outra coisa que não ele mesmo.

Em termos mais concretos, as metáforas, muitas vezes, operam de maneira a nomear coisas e situações – frequentemente inéditas ao olhar mais desatento – sempre a partir de um já-dito, de um já-conhecido. Sontag (1989) salienta o uso feito das metáforas militares para descrever as descobertas sobre micro-organismos invasores, pois “somente quando se passou a ver como invasor não a doença, mas o micro[-]organismo que a causa, que a medicina começou a ser realmente eficaz e as metáforas militares ganharam nova credibilidade e nova precisão” (SONTAG, 1989, p. 13). Nesse sentido, a metáfora militar de combate ao inimigo – microscópico – que não se vê deu origem a algumas visões sobre a doença como um efeito de uma derrota ante ao invasor. Contudo, essa derrota carrega em si uma textura muito particular: se a doença é a derrocada, ao paciente é atribuído a culpa da derrota, muito embora ele seja também a vítima de tal derruimento. Todavia, ser

vítima sugere uma inocência, e toda inocência, “pela lógica inexorável que rege todos os termos relacionais, sugere culpa” (SONTAG, 1989, P. 16).

Porém, é razoável se perguntar: culpa do quê? A genealogia dessa culpa encontra eco em uma das metáforas atribuídas aos carcinomas. Como processo, HIV/AIDS é encarado como um câncer, portanto, um invasor do corpo. Entretanto, no caso específico de HIV/AIDS, o que ocorre é associação da infecção com fenômenos de *poluição* (SONTAG, 1989, p. 22), uma vez que as formas de transmissão ocorrem por meio de troca de fluídos sexuais e sangue de pessoas infectadas e uso de instrumentos perfurocortantes com sangue contaminado. Com efeito, HIV/AIDS incute na *vítima* uma vergonha que se associa à culpa de se perceber nos chamados “grupos de risco”. Dito de outra forma, HIV/AIDS não elege suas vítimas de forma totalmente aleatória, envolta em mistério de probabilidade genética. O que ocorre nas metáforas sobre HIV/AIDS é sentenciar a vítima da infecção a uma condenação advinda de comportamentos perigosos, fraqueza de caráter, irresponsabilidade e delinquência, além de incutir na vítima o espectro da sexualidade desviante e sórdida.

À vista disso, a vítima é culpada. HIV/AIDS é castigo. Castigo pelos excessos e perversões sexuais, sendo que a metáfora imprime a noção de que contrair a doença depende da vontade do praticante, portanto, implica em culpabilidade. Semelhante ao caso de HIV/AIDS, outras doenças venéreas carregam os mesmos estigmas, como a Sífilis, que é concebida como um mal que afeta um grupo perigoso de pessoas com sexualidades desviantes e depravadas e que, portanto, estão expostas aos perigos do invasor e suscetíveis à derrota por ele.

O que se nota a partir dessas colocações é que HIV/AIDS sempre se apresenta como um aspecto que não é considerado *per se*, ou seja, como uma patologia que se deveria tratar com os mecanismos médico-científicos que se dispõe, conforme doenças neurológicas, ortopédicas e funcionais. O mecanismo metafórico que se engendra com HIV/AIDS coloca em relevo mais notadamente as práticas sexuais do paciente – suas preferências, posições, situações de exposição – do que propriamente como essa doença se configura a partir de seu caráter orgânico. Dessa forma, a vítima de HIV/AIDS é incessantemente dita – antes mesmo de dizer-se. Dito de outra maneira, as metáforas de HIV/AIDS carregam em seu bojo um conjunto de pressupostos que compõe um imaginário sobre o soropositivo, no qual ter HIV/AIDS é necessariamente pertencer a um

grupo de risco, fazer uso de substâncias injetáveis e apreciar práticas sexuais carregadas de excesso, ricas em perversão e cuja tônica é considerar a pessoa como errada e potencialmente uma poluidora de outros indivíduos.

Nesse contexto, as práticas sexuais e, mais amplamente, o discurso sobre a sexualidade adquirem um relevo singular no que se refere às metáforas sobre HIV/AIDS. Deve-se confessar incessantemente o que fez, como fez, com quem fez a um público que não cessa de proclamar: sujo, poluído, drogado, pervertido, merecedor.

Esse movimento de constante confissão não é próprio do discurso sobre HIV/AIDS, mas é amplamente realçado por este. Foucault (1980) assevera que as técnicas de confissão estiveram presentes no ocidente desde a antiguidade clássica, mas foi com o advento da loucura e da incessante produção do discurso sobre a sexualidade que essa técnica alçou uma categoria de expressiva importância. Segundo o filósofo francês:

Declarar alto e bom som e de maneira inteligível a verdade acerca de si próprio – isto é, confessar – foi durante muito tempo considerado no mundo ocidental quer como uma condição de redenção dos próprios pecados, quer como um item essencial da condenação dos pecadores (FOUCAULT, 1980, p. 204).

Foucault traz essa reflexão a partir de uma análise historiográfica sobre a sexualidade no ocidente, questionando como os discursos que pretendiam reprimir, tolher, calar as verdades sobre as práticas sexuais - o discurso religioso, o discurso da burguesia europeia – acabaram por incentivar uma produção incessante sobre o sexo ao longo de grande parte da história. Foucault (1978) localiza nos escritos de Freud um marco importante sobre o discurso da sexualidade. Segundo a hipótese de Foucault (1978), foi com os estudos freudianos sobre as histéricas que a sexualidade foi posta contra a parede. Os ataques histéricos, para o psicanalista austríaco, provinham de um esquecimento ou de um desconhecimento do desejo por parte do sujeito, portanto, uma sexualidade ignorada, especialmente pelas mulheres. Em oposição a esse quadro, vemos um fenômeno oposto ao desconhecimento do desejo: um “supersaber” (FOUCAULT, 1978, p. 58), um saber científico e cultural extenso sobre a sexualidade.

Entretanto, é razoável se questionar: como é possível haver uma superprodução sobre a sexualidade e, ao mesmo tempo, muito pouco ou quase nada saber? Foucault (1978) inicia sua análise pela própria psicanálise freudiana, pontuando que neste campo

do saber, de maneira bastante original, a sexualidade foi considerada como uma matriz, um ponto de partida, asseverando pontos polêmicos à época, como a produção fantasística das crianças, as relações entre a constituição do eu e os mitos da religião ocidental, o advento do inconsciente, entre outros. Todavia, o autor francês não se furta em pontuar que a própria psicanálise é parte dessa economia de superprodução de saberes sobre a sexualidade. Um conjunto de saberes que se pretende teórico e científico. Com efeito, enquanto no oriente a tônica da produção do conhecimento foi descobrir formas de intensificação do prazer, de aproveitamento das práticas sexuais – *ars erotica* (FOUCAULT, 1976) – o ocidente, por seu turno, produziu uma espécie de *scientia sexualis* (FOUCAULT, 1976), uma vez que o saber sobre o sexo se voltava à sexualidade das pessoas de uma forma teorizada, sem uma detida preocupação com o prazer.

Para endossar essa tese, Foucault (1978) retorna à antiguidade greco-romana, pontuando que o esquema histórico geral que se tinha sobre esse período descrevia que a sexualidade era livre, o amor se expressava sem dificuldades e havia todo um discurso sobre a arte erótica. Em seguida, com o cristianismo, houve um movimento forte de interdição do sexo, proibição dos prazeres; razão pelo qual o sujeito que se estabeleceu a partir daí era cego ao seu desejo e desconhecia sua própria sexualidade. Contudo, Foucault (1978) desmonta esse esquema histórico pontuando, a partir do trabalho historiográfico de Paul Veyne, que na antiguidade clássica já era difundida a ideia de que a poligamia deveria ceder lugar à monogamia, de que o sexo deveria se instituir com fins de reprodução e que o prazer sexual deveria ser buscado quando o sexo estivesse preenchendo essas duas categorias anteriores. Nesse sentido, não foi o cristianismo, nem a moral cristã que instituíram uma certa cegueira à busca pela intensificação do prazer e a interdição de práticas sexuais outras como exercícios de novas formas de satisfação do desejo. O que ocorreu foi que o cristianismo

[...] trouxe para essa história da moral sexual [...] novas técnicas. Novas técnicas para impor essa moral ou, na verdade, um novo ou um conjunto de novos mecanismos de poder para inculcar esses novos imperativos morais, ou melhor, esses imperativos morais que haviam deixado de ser novos no momento em que o cristianismo penetrou no Império Romano e se tomou, muito rapidamente, a religião do Estado (FOUCAULT, 1978, p. 65).

Por novas técnicas, Foucault salienta dois mecanismos de poder: o pastorado e as tecnologias – ou técnicas – do eu. No poder pastoral, existe a figura de um indivíduo que desempenha na sociedade cristã um papel de condutor, de pastor em relação aos outros indivíduos, os quais serão considerados suas ovelhas e seu rebanho. Nesse tipo de relação, todo indivíduo deve buscar sua salvação. “O poder do pastor consiste precisamente na sua autoridade para obrigar as pessoas a fazerem tudo o que for preciso para a sua salvação: salvação obrigatória” (FOUCAULT, 1978, p. 68). Com efeito, aceitar a autoridade desse pastor implicaria em que cada ação que o indivíduo tomar deverá ser conhecida pelo pastor, o qual julgará se ato está de acordo com a moral cristã e se contribuirá para a salvação. Portanto, os indivíduos devem obediência ao pastor, comprometendo-se a confessar tudo a ele, uma vez que o pastorado trouxe consigo um conjunto de procedimentos que diziam – e ainda dizem – respeito à verdade e à produção dessa verdade perante o pastor. Sobre isso, Mendelsohn (2010) assevera que o par sujeito-verdade – na obra de Foucault – está relacionado a outros dois pares: saber-poder e verdade-poder, nos quais a sexualidade representa a dimensão na qual é preciso dizer a verdade e revelar o que se tem de mais singular. O singular, aqui, nem é tanto a prática sexual, mas o prazer que lhe foi associado. Dessa forma, é a sexualidade a temática privilegiada da confissão. Deve-se confessar tudo: masturbação, sexo antes do matrimônio, sexo fora do matrimônio, práticas masoquistas, práticas desprotegidas ... enfim, a prática da confissão tornou insistente a necessidade de produzir verdades sexuais sobre si perante o outro.

O segundo mecanismo de poder versa igualmente sobre a sexualidade, mas ao invés de confessar-se ao outro, o sujeito efetua um certo número de operações sobre seus próprios corpos, sobre suas almas, pensamentos, condutas, a fim de agirem de um certo modo de felicidade, de pureza, de castidade, submissão etc. Essas técnicas que o eu efetua sobre si devem estar relacionadas com algumas técnicas de dominação, uma vez que estas não dizem respeito somente a estruturas de coerção, mas, sobretudo, como algumas técnicas que indivíduos empregam uns sobre os outros se baseiam em processos pelos quais um indivíduo age sobre si mesmo, conjugados com estruturas de poder mais amplas. Com efeito, o “ponto de contato do modo como os indivíduos são manipulados e conhecidos por outros encontra-se ligado ao modo como se conduzem e se conhecem a si próprios” (FOUCAULT, 1980, p. 207).

Destarte, a confissão sobre a sexualidade já representaria uma operação do poder sobre si mesmo. E a quanto à confissão sobre a condição sorológica? Sobre estar infectado pelo vírus HIV? Essa confissão é, possivelmente, uma das mais metaforizadas dentro do discurso sobre sexualidade, pois o significante *soropositivo* parece, de fato, dar a uma coisa o nome de outra. Esse significante confessado se assemelha à caixa de pandora, que se abre ao outro que escuta, relevando as piores desgraças do mundo, e se volta para quem a confessou. O significante é qualquer outra coisa menos um status de saúde, é, pois, “a ideia da doença como castigo[,] a mais antiga explicação da causa das doenças” (SONTAG, 1989, p. 54).

NOTAS METODOLÓGICAS

Na presente investigação, enviamos nossos objetivos de pesquisa para um norte que problematizasse as metáforas sobre HIV/AIDS a partir de um recorte histórico-social bem delimitado: a produção de materialidade discursiva no Brasil entre as décadas de 1980 até primeira metade dos anos de 2010. Mais do que uma análise frasal ou conteúdistica, interessa-nos como essa materialidade aponta para efeitos de sentido que veiculam metáforas sobre HIV/AIDS inseridos em estruturas mais amplas, como práticas sexuais, corporeidades, mecanismos de poder e veridificação subjetiva. Buscamos conciliar noções trazidas da filosofia, da história, da sociologia e da linguística (aplicada) com gestos de leitura que empreendessem operações na materialidade, já que “pensar é interpretar” (SONTAG, 1989, p. 9) e interpretar é produzir sentidos com base na constatação de que no exato momento em que lemos, fazemos uso da mente e alçamos diversos campo do conhecimento – como os citados acima. Nesse movimento, algo do leitor, da subjetividade do leitor se inscreve para produzir sentido, implicando na presença de alguém que se *in-sere* e se *in-screve* no texto (CORACINI, 2015).

Para tanto, utilizamos como repositório de *corpus* a rede mundial de computadores, a partir da pesquisa de materiais que retratassem representações sobre HIV/AIDS ao longo das quatro décadas de 80 a 2010. No caso de depoimentos e entrevistas, utilizamos a plataforma de vídeos *Youtube* e procuramos vídeos que retratassem pessoas que viviam com HIV e se dispusessem a compartilhar com o público. Foram selecionados trechos mais representativos e transcritos a partir de convenções

metodológicas. No tocante às demais materialidades, foram selecionadas páginas da internet que contivessem conteúdo sobre representações de HIV/AIDS e que pontuassem determinativos claros de tempo de criação e veiculação, como é o caso da peça publicitária e da revista analisadas. Em seguida, foi feita uma organização segundo as décadas de veiculação. Tencionou-se trazer ao menos uma materialidade linguística de cada década a partir dos anos de 1980, com vistas a traçar um brevíssimo panorama sobre as metáforas a respeito de HIV/AIDS no Brasil. Ressalta-se que o corpus é de domínio público e todas as fontes são citadas para eventual consulta.

A seguir, apresentamos gestos de análise dessa materialidade linguística imprimindo relevo nela com a bibliográfica ora utilizada.

DÉCADA DE 80 – O CÂNCER GAY

Em dezembro de 1981, a revista americana *Mandate*, de conteúdo pornográfico homossexual, publicou uma reportagem extensa sobre a uma doença ainda incipiente na América do Norte. Com o título sugestivo de “Gay Cancer”, a AIDS era apresentada desta forma aos leitores:

Figura 01 – reportagem da Revista Americana Mandate



Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/51/e5/1a/51e51a221073ecd9c8eb0a21ecf73bb3.jpg>, acesso em julho de 2018.

Não é de se espantar que tenha sido feita uma comparação entre HIV/AIDS e o câncer, uma vez que este foi por muito tempo a doença mais temida. Contudo, em face da existência de uma doença que causasse mais pavor, o câncer perdeu seu estigma devido ao surgimento de outra doença capaz de deteriorar ainda mais o portador, uma doença que acometia os gays e os usuários de drogas injetáveis que compartilhavam seringas. “Toda sociedade [...] precisa identificar uma determinada doença com o próprio mal, uma doença que torne culpadas as próprias vítimas; porém é difícil obcecar-se por mais de uma” (SONTAG, 1989, p. 20). Nesse sentido, ao apresentar HIV/AIDS como câncer, desloca-se, pelo uso da metáfora, a forma própria de uma doença para o espectro de outra.

Ao afirmar que HIV/AIDS se trata de um “câncer-gay” ou um “câncer *dos gays*” o efeito de sentido apreendido é que as práticas sexuais determinadas por uma orientação sexual acarretam necessariamente uma patologia. O câncer é *dos gays*. Assim sendo, o não-dito é que quem não o é, está livre e isento dessa ameaça. O que essa metáfora não deixa ver é que, a despeito da vergonha que ambas podem causar, no caso do câncer, era comum a família não revelar o diagnóstico ao paciente, ao passo que a AIDS, o mais comum era o paciente não revelar o fato à família. Com efeito, a atmosfera de diagnóstico de infecção com o HIV na década de 80 parece que sentenciava, necessariamente, o paciente à morte. Analogamente a esse tipo de representação dos anos 80, no trecho da entrevista³ com o brasileiro Herbert Daniel⁴ (à época com 42 anos) sobre o processo de recebimento da notícia de ser soropositivo, o espectro da morte parece mais que real. Contudo, após ímpeto inicial do choque com a notícia da infecção pelo vírus, ele reflete:

Trecho de análise 01: eu tive a notícia//de uma forma muito brutal/né?/foi/inicialmente o médico não tinha nenhuma preparação maior e ele me deu a notícia de uma maneira muito:::/rápida//e/é/**eu sai na porta**/e encontrei o cláudio/e **eu sai com a convicção de que eu tinha dois anos de vida**//[...]/ eu disse não/que absurdo/mas que absurdo/**ninguém morreu**/aí nesse instante/[...]/ eu achei que era verão/lindíssimo verão no rio de janeiro/eu/eu/**eu me achei muito pequeno**/porque eu esperava/que **realmente o mundo mudasse quando soubesse que eu ia morrer**/ que acontecesse raios /trovões /catástrofes /terremotos /que alguma coisa acontecesse/o mundo continuava mais bonito do que nunca/as pessoas mais charmosas do que nunca/o verão estava aí/e eu dizia que absurdo/ então é isso?/ **que é a gravidade da coisa de saber que vai morrer**/ e tudo continuar exatamente igual/eu disse/ eu não vou **perder esse bonde**/ ai de repente passou um **rapaz muito bonito**/ muito bonito e começou a atravessar a rua/naquela direção/e nós começamos a acompanhar/e era muito sensual o rapaz/e nós dois começamos a comentar a beleza dele/certo/e ai começamos a brincar um pouco mais/**a vida passou ali**/com seus convites todos/ com todas as suas delicadezas e brutalidades/⁵.

HIV/AIDS parecem ter virado de ponta cabeça a ampulheta do tempo da vida. Dois anos. Por que não três ou quatro? A tônica da morte. O ‘câncer-gay’ assegurava no

³ Trecho da reportagem “Viva a Vida” da extinta TV Manchete, veiculada em 1988. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5JFtJdc9x4E&index=13&list=PLZQJwj03XaqqKcDw_oGq1okiCcRgz-hBA&t=0s>, acesso em julho de 2018.

⁴ Nome social de Herbert Eustáquio de Carvalho. Escritor e jornalista brasileiro (1946-1992).

⁵ Convenções da transcrição do áudio: /pausa simples; // pausa longa; [...] corte; :: prolongamento de vogal; letra maiúscula = ênfase na fala; todas as demais são apresentadas em minúsculas.

indivíduo aquilo que já é certo para todos nós: a morte. Mas morrer de AIDS na década de 80 parece ser diferente, pois sua morte viria a referendar o imaginário social de que o gay é doente e, só é doente, pois recebeu o castigo pela não-busca da salvação. As práticas sexuais condenáveis tiveram como consequência o abreviamento da vida. Vida e morte. Vida-morte. Uma se define pela outra. E ao constatar que HIV/AIDS consomem os grãos da contagem de tempo de sua ampulheta, Herbert explode em desejo de viver. Desejo acompanhado pela constatação de finitude */eu me achei muito pequeno/*. A conclusão a que Herbert chega é a da pequenez do corpo. Corpo utópico foucaultiano. “Meu corpo é o lugar sem recurso ao qual estou condenado. Penso, afinal, que é contra ele e como que para apaga-lo que fazemos nascer as utopias” (FOUCAULT, 2013, p. 8). Mas o que utopia teria a ver com corpo e a iminência da morte? É que para que “eu seja utopia, basta que eu seja um corpo” (FOUCAULT, 2013, p. 11). Herbert se viu corpo e utópico; corpo e lugar que não existe e que é só fantasma, o qual só aparece na miragem dos espelhos de outros corpos */rapaz muito bonito/ era muito sensual o rapaz/e nós dois começamos a comentar a beleza dele/*. Nas metáforas dos anos 80, a AIDS é o câncer que vem se instalar num corpo que viveu o ardor da liberação sexual e sentiu o calor de um verão cuja beleza passa e convida a todos a correrem atrás dela. O bonde do verão dos anos 80 passou e alguns foram até o fim da linha.

DÉCADA DE 90 – SOLDADO NA GUERRA

Se na década de 80, a metáfora sobre HIV/AIDS deslizava-se para o espectro do câncer dos gays, fortalecendo o imaginário social sobre a morte certa, práticas sexuais desviantes e estigmatização do grupo pela orientação sexual, na década de 90, o discurso se desloca para uma ampliação os efeitos HIV/AIDS, incluindo mulheres e homens heterossexuais. Essa virada só pôde ser feita por meio de estratégias discursivas de enunciação que convocassem todos a se relacionar com a temática. O uso do léxico convocar não foi por acaso. No Brasil, o campo lexical da palavra “convocar” é muito utilizado para relatar o momento de chamamento de jogadores de futebol a se apresentarem à seleção brasileira para disputarem campeonatos internacionais.

Nesse tom de convocação é que um comercial veiculado na década de 1990 conclama que todos devem se engajar na partida contra HIV/AIDS. Trata-se de um

comercial⁶ de televisão que apresenta um grupo de atores e apresentadores famosos com seus rostos voltados direto para a câmera, falando conosco como quem exalta ou realiza um pedido:

Trecho de análise 02: /na gravidez/a mulher contaminada/pode transmitir a doença para o filho/ainda não existe remédio contra a aids/mas você pode **combate-la**/é só prevenir/e qualquer dúvida/procure um serviço de saúde/**exerça** seus direitos/**seja** solidário/**participe** sem discriminação/**não espere** pelas autoridades/só depende de nós/a vitória nessa luta/é um compromisso com a vida/entre em campo nesse jogo contra a aids

Nesse momento, vemos HIV/AIDS se transformarem em um assunto não mais somente dos gays. Mulheres grávidas podem transmitir ao feto. Portanto, convoca-se a mulher heterossexual a estar envolvida no ‘combate’. Aliás, a alta densidade de léxicos que sugerem uma batalha ou um jogo – *combater/prevenir/luta/jogo contra/* - imprimem efeitos de sentido que mobilizam os espectadores em torno de uma situação de embate, que caso se perca é porque não se lutou direito. Portanto, novamente incute no indivíduo a noção de que contrair a doença parece mais da vontade, do que do acaso, implicando uma certa dose de culpa (SONTAG, 1989) caso a luta tenha sido insuficiente. Curioso ressaltar a quantidade de comandos que esse curto comercial de televisão apresenta, como se o efeito mais importante não fosse a veiculação de informação, mas as operações que o espectador deve fazer sobre si mesmo a fim de vencer o combate contra o vírus. Em Foucault (1980, p. 205), vemos que

[t]odas as práticas pelas quais o sujeito é definido e transformado são acompanhadas pela formação de certos tipos de conhecimento e, no Ocidente, por uma variedade de razões, o conhecimento tende a ser organizado em torno de formas e de normas mais ou menos científicas.

À vista disso, o que se depreende de efeito de sentido é, sobretudo, uma incitação para entrada no jogo, no combate, contra um inimigo que não se sabe, que não tem remédio, nem cura. Contudo, a despeito de tais características, é preciso que aquele que consome o comercial seja perspicaz o suficiente para empreender formas de superação

⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IUw2A1xdxy4&index=32&list=PLZQJwj03XaqQKcDw_oGq1okiCcRgz-hBA&t=0s>, acesso em julho de 2018.

desse mal que pode afetar qualquer um, inclusive mulheres grávidas e seus fetos. Sobre seu corpo é preciso agir prevenindo-se. Mas prevenir-se do quê? De quê? Curioso ressaltar como a ‘prevenção’ aparece de maneira a naturalizar certas características como dadas ou pressupostas. Se à época *não existia remédio contra a AIDS*, o melhor era se prevenir por meio de relações sexuais protegidas e uso de descartáveis? Nota-se que quando HIV/AIDS era uma doença somente de homens que faziam sexo com outros homens, o signficante ‘gay’ era incessantemente explorado, expondo as práticas sexuais e não cessando de marcar a homossexualidade como a causa e a sustentação da existência da doença. Contudo, quando passa a ser uma doença de todos, sem rosto, os usos linguísticos que se faz são de generalizar e esconder por meio de expressões generalistas as formas de prevenção e tratamento. E para endossar essa generalização, conclamam a todos para um *compromisso com a vida*.

DÉCADA DE 2000 – HIV/AIDS TÊM CARA

Em 2009, o Ministério da Saúde divulgou uma campanha publicitária de alcance nacional que buscava conscientizar a população brasileira sobre o alcance que HIV/AIDS vinha tendo nas últimas décadas. A peça apresenta um casal heterossexual se beijando envolto em uma atmosfera que reverbera alguns dos imaginários sociais que se tinha sobre HIV/AIDS:

Figura 02 – Campanha Publicitária sobre HIV/AIDS – 2009



Fonte: <http://www6.ensp.fiocruz.br/radis/revista-radis/89/sumula/historia-de-um-beijo>, acesso em julho de 2018.

Percebe-se um certo distanciamento da representação de HIV/AIDS como uma exclusividade dos gays que têm por hábito determinadas práticas sexuais. O que ocorre, ao menos nessa campanha, é o enfraquecimento da metáfora do ‘câncer-gay’ – muito presente na década de 80 – e de uma doença sem rosto – pois *todos* estavam implicados no combate – da década de 90. A campanha ao utilizar a palavra “um”, brinca com os sentidos entre o numeral e um pronome indeterminado. Não se sabe qual dos dois, mas um dentre esses dois possui HIV. Esse efeito de sentido encontra eco no uso de um determinativo em oposição /o outro sabe/. O que nos salta aos olhos é que nesse curto jogo de enunciados reverbera alguns sentidos ainda presos ao imaginário social sobre HIV/AIDS. Um deles vive com HIV, mas confessou. Confessou o quê? Confessou uma verdade sobre si do campo da sexualidade (MENDELSON, 2010). Não uma verdade qualquer, mas sim uma que conjuga em si toda uma série de feixes sobre as práticas e preferências. Confissão. Confessar-se ao outro. Não para que este outro analise minha conduta e direcione minha subjetividade, tal qual no pastorado (FOUCAULT, 1980). Aqui, eu confesso que abri mão de minha salvação, como que por escolha. No bojo da escolha, tive como consequência a poluição (SONTAG, 1989). Ainda que poluído, confesso para que no ato mesmo da confissão, eu possa viver com a AIDS, como se a confissão eximisse julgamentos. Ora, uma doença que historicamente sempre esteve ligada a estigmas de mortes terríveis, definhamento do corpo e castigo por uma sexualidade desviante, o simples ato de confessar não possibilita o perdão da culpa. Talvez acentue ainda mais. Dizemos ‘talvez’, pois nessa peça publicitária, a cara do HIV não é gay. Não é drogadito. Não é em um leito. A cara dada ao HIV é heterossexual, aparentemente saudável e aparece se relacionando intimamente com um outro. Nessa relação de intimidade, a sugestão do sexo é tanto mais efetiva quanto menos evidente. O beijo que precede o coito. O coito de um casal de diferentes sorologias. O soropositivo pode ser o homem ou a mulher. E nesse não-saber que se estabelecem as possibilidades. ‘Poder ser qualquer um dos dois’ sugere que pode ser qualquer pessoa no mundo, não mais o gay ou o usuário de drogas. ‘Poder ser qualquer um’ imprime efeitos de sentido que colocam HIV/AIDS como um problema meu e seu. Nosso e deles.

As possibilidades são muitas a partir dos efeitos de sentido. As possibilidades de ser qualquer pessoa. Mas o que encerra mais possibilidades é o ‘preconceito’. Preconceito sobre o quê? Sobre a discordância entre pares quanto à sorologia. Mas, sobretudo, um

preconceito sobre quem vive com HIV/AIDS. Percebe-se que no jogo entre oposições, uma vida com AIDS é possível, mas uma vida com preconceito [sobre o HIV] não, como se HIV/AIDS e preconceitos fossem diametralmente opostos, tão opostos como um indivíduo que vive com HIV e outro não, como sugere a imagem. Na interpretação da peça, o leitor ativo fica tentado a se colocar em um dos lados. Em uma das vidas. Eu vivo com HIV/AIDS ou eu vivo com preconceito? A partir dos anos 2000, o HIV passou a ter cara, que pode ser de homem ou de mulher, de heterossexual ou homossexual. Aliás, como poderemos ver nas metáforas dos anos 2010, o que ocorre não é uma oposição “ou ... ou”, mas, sim, uma adição do tipo “e ...e”.

DÉCADA DE 2010 – APRENDENDO A VIVER SEM RÓTULOS

A materialidade ora analisada é o trecho de um depoimento⁷ concedido em 2015 por uma gaúcha chamada Beatriz Pacheco, de 67 anos. Beatriz, por iniciativa da prefeitura de Porto Alegre, é convidada a falar, a confessar o que não se esperaria de uma senhora. Beatriz confessa ser soropositiva. Contudo, o tom da confissão, da produção de verdade sobre si, de alguma forma, causa bastante incômodo porque vai ao encontro de grande parte das representações que as metáforas sobre HIV/AIDS mantiveram ao longo de longos anos.

Trecho de análise 03: /eu peguei o telefone liguei/ pro meu companheiro// e só conseguia dizer pra ele/ carlos eu tô com aids//eu sou beatriz Pacheco/ tenho **67 anos/ fui advogada/ sou mãe/ avó/ e vivo com hiv há 22 anos**// eu peguei meu resultado no balcão do laboratório/ e eu abri lá estava escrito reagente/ e olhei as letras pequenas/ dizia que regente igual positivo// nesse momento passei a ter uma nuvem negra em cima da cabeça/ com a famosa pergunta/ que anos depois eu fui ver que todos nós fazemos/ quando temos resultado positivo// **porque eu?**//até então **naquela época**/ em aids/ se falava em **grupos de risco**/ e que eu não tava dentro do padrão de grupo de risco/ o meu marido disse sério pra mim assim /te veste que nós vamos sair// eu cheguei a pensar que é que ele podia ter me passado// ele era meu terceiro marido// eu na realidade me infectei com o segundo/ nós saímos caminhando pela rua/ e eu olho para ele/ as lágrimas estão correndo/ e ele puxou no bolso o exame dele negativo/ gente/ foi um dos momentos mais felizes da minha vida// **eu tava com hiv sim**/ agora eu não tinha infectado ninguém/ ele pedia que eu não escondesse// **o hiv não tem preconceito/ é pra qualquer pessoa/ em qualquer idade/ quando a gente parar de rotular o ser humano/ nós vamos conseguir pensar melhor nessa epidemia**// não é bom viver com hiv// mas é possível sim// usar uma camisinha é difícil/ viver com hiv é bem pior/ aprender a transformar o preservativo numa festa amorosa/ é uma

⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YbHFvuS4rBQ&t=19s&index=22&list=PLZQJwj03XaqKcDw_oGqIokiCcRgz-hBA> acesso em julho de 2018.

delícia// existe sexo na terceira idade e é tão bom quanto de jovens// como é que eu me defino hoje?// uma gaivota feliz// **eu luto contra a aids**/ porque eu quero que a sociedade do futuro seja melhor do que a de agora

Como já dito anteriormente, nunca se falou tanto sobre HIV/AIDS como nos últimos dez anos. Porém, de alguma forma, toda essa informação ainda esteve ligada a formas de manutenção de práticas de discriminação contra homossexuais, usuários de drogas, profissionais do sexo, enfim, os estigmatizados por discursos normatizadores. O que reside de mais significativo da fala de Beatriz é exatamente o fato de ela não se enquadrar em nenhum dos estigmatizados. O que se espera de uma avó de 67 anos é doenças senis, próprias dos velhos. Todavia, Beatriz não somente tem o HIV, como é portadora há mais de 22 anos. Percebe-se que, sendo heterossexual, mulher, não usuária de drogas, Beatriz tinha tudo para não ser a cara do HIV/AIDS, mas ela o é. Segundo as estatísticas de 2017, o risco de infecção pelo HIV é 27 vezes maior entre homens que fazem sexo com homens; 23 vezes maior entre pessoas que usam drogas injetáveis; 13 vezes maior entre profissionais do sexo; 12 vezes maior entre mulheres trans⁸. Como explicar o caso de Beatriz? O HIV tem crescido muito entre mulheres com mais de cinquenta anos, pois a possibilidade de engravidar já é descartada e o uso do preservativo é pouco considerado devido a fixidez de parceiro. Nesses casos, a exposição maior recai sobre a mulher receptora de fluídos sexuais. Beatriz foi uma delas.

Na fala de Beatriz, podemos identificar muitas das representações que povoaram o imaginário social sobre HIV/AIDS ao longo das décadas de 80/90/2000. Beatriz viveu a época do “câncer-gay” e dos grupos de risco, recebeu a convocação para entrar em guerra contra o vírus, viu a AIDS mudar de rosto e se transformou, ela mesma, na cara do HIV nos anos 2010. De uma doença que acometida somente gays pecadores e sem salvação à uma patologia que atinge avós heterossexuais monogâmicas. Ressalta-se que quando as representações sobre HIV aparecem em contextos de heterossexualidade, as relações sexuais enquanto práticas aparecem apagadas ou esmaecidas. Dito de outra forma, parece que quando HIV/AIDS estão no espectro da sexualidade autorizada, portanto, normatizada, não interessa muito o que o indivíduo fez para se infectar com o vírus. Portanto, todo o imaginário – e a imaginação – que se tem sobre formas de

⁸ Fonte: Relatório informativo – julho de 2018 – UNAIDS. Disponível em: <<https://unaids.org.br/estatisticas/>>, acesso em julho de 2018.

contração do vírus na seara das práticas sexuais do tipo homossexuais não tem um correspondente diametral no eixo heterossexual. Nesse sentido, toda a construção de argumentação pauta-se em referendar que, a despeito de ser soropositivo, Beatriz é avó, mãe, advogada, casada e feliz. Com efeito, quando se era o ‘câncer *dos gays*’ – metáfora que realça as práticas sexuais – o que se fazia importava mais do que como se vivia a partir da contaminação. Entretanto, quando deixa de ser uma exclusividade da sexualidade considerada desviante, a sexualidade em si é menos importante do que como é possível conviver com o vírus sem desestabilizar as demais áreas da vida.

Beatriz, ao saber da sorologia se pergunta */por que eu?/*. Mas se HIV/AIDS mudou ao longo dos anos de cara, de corpo, de público-alvo, o que impede que pessoas se perguntem ‘por que não eu?’. Enquanto o HIV/AIDS era um problema do outro – leia-se gay masculino – afetar-se com isso parecia uma paisagem distante, pois sendo de um grupo ao qual não pertencço, meu grau de comprometimento é baixo. Nesse sentido, as metáforas sobre HIV/AIDS perpetuavam que o vírus vem sempre de um outro lugar (SONTAG, 1989), de uma outra pessoa, invariavelmente, de um corpo que não o meu, um corpo utópico (FOUCAULT, 2013). A falácia do grupo de risco funcionou até que se comprovasse que está em risco quem pratica sexo, pois a sexualidade passou a ser encarada não apenas como um momento apenas, uma relação a dois, mas, toda uma cadeia de trocas e transmissões vindas do passado (SONTAG, 1989, p. 87). Nessas relações, estamos em risco por nos relacionamos com o outro, que sempre pressupõe um outro do outro.

Beatriz, talvez ainda imbuída das metáforas dos anos 90 e 2000, períodos que já vivia com HIV, retoma em seu dizer as marcas principais sobre o vírus em cada um dos períodos: a guerra contra o vírus – */eu luto contra a aids/* – e a mudança da cara da AIDS – */o hiv não tem preconceito/ é pra qualquer pessoa/ em qualquer idade/*. Com essa retomada vemos como a metáfora pode operar no seu reverso. É na pessoa velha que vemos a nova representação do HIV/AIDS e não nos jovens, como se poderia pensar. Beatriz estampa com o rosto a mudança que se opera na linguagem e nas estruturas sociais. Antes doença dos gays. Agora, doença. Vive-se com HIV? Sim, qual ave contente que sobrevoa e sobrevive a passagem do tempo em direção a um horizonte melhor.

ALGUNS ALINHAVOS FINAIS

Por limitações de espaço, traçamos um brevíssimo panorama sobre metáforas a respeito de HIV/AIDS no Brasil a partir da análise de materialidades linguísticas disponíveis na rede mundial de computadores. Tencionou-se fazer uma abordagem diacrônica desde o auge das infecções pelo vírus – década de 80 – até o atual momento histórico-social. Vimos que as representações sobre o vírus modificaram-se de maneira expressiva, estando na linguagem as marcas de mudanças operadas social e individualmente. Também foi na linguagem que pudemos identificar como as metáforas escamoteavam as relações de associação entre uma patologia viral e a condenação de indivíduos que fossem considerados de risco por apresentarem práticas sexuais consideradas desviantes.

Antes doença dos gays, portanto, uma doença que se associava à orientação sexual de grupo. Passados alguns anos, a AIDS passa a ser considerada uma questão do todo, estando o heterossexual implicado também. Mas inserir a figura de grupo na metáfora da AIDS não ajudou a impedir sua propagação. Era necessário dar uma cara a ela. E que cara ela teria? De um homossexual que realiza coito anal? De um drogadito que se pica com agulhas? Não. Quer dizer, não somente. A cara dada à AIDS é a cara que se vê ao se viver, ou seja, a cara da rua, cara do vizinho, do colega de trabalho. A cara de gente que vive e que, ao viver discorda. Discorda de opinião, de gosto e de sorologia. Todavia, além da cara nova, era preciso mostrar que a cara tem um corpo. Um corpo pulsante. Um corpo que é utópico e existente, que é fantasma e matéria. É vivo e morto, ao mesmo tempo. O corpo que se deu não foi o corpo sensual, robusto e convidativo do homem gay dos anos 80, não foi o rosto da apresentadora famosa conclamando à luta contra o vírus. Tampouco foi um par de rostos que se complementam na incompletude discordante. O corpo dado, aquele corpo utópico, é velho, feminino, que outrora deu de mamar e agora é colo de aconchego netos e bisnetos. HIV/AIDS é um corpo outro. “O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que eu imagino” (FOUCAULT, 2013, p. 14).

REFERÊNCIAS

CORACINI, Maria José. **Leitura ou interpretação**: pulsão escópica e gestos de violência. In: Análise de discurso em rede: cultura e mídia. Org.: Giovanna Gertrudes Benedetto Flores, Nadia Neckel, Solange Leda Gallo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015 (pp.109-125).

FOUCAULT, M. **A vontade de saber**. História da sexualidade, vol. I. Trad. Maria Thereza Albuquerque e Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

FOUCAULT, Michel. **Sexualidade e poder**. Conferência na Universidade de Tóquio, 1978. In: FOUCAULT, M. Ditos e escritos. Vol. V. Trad. Elisa Monteiro e Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1978] 2010. p. 56-76.

FOUCAULT, Michel. Verdade e subjectividade (Howison Lectures). **Revista de Comunicação e linguagem**. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, [1980] 1993. p. 203-223.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. [tradução Salma Tannus Muchail]. São Paulo: n-1 Edições, 2013

MENDELSON, S. **Foucault avec Lacan**: le sujet en acte. Filozofski vestnik, Letnik XXXI, Stevilka 2, p. 139-169, 2010.

SONTAG, Susan. **Aids e Suas Metáforas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989